

**RESENHA CRÍTICA DO LIVRO “MULHERES, CULTURA E POLÍTICA”, DE  
ANGELA DAVIS**

**Luiz Alberto Soares<sup>1</sup>**

**Pedro Maia<sup>2</sup>**

O Livro “Mulheres, Cultura e Política” é uma compilação de discursos e artigos da ativista política afro-americana Angela Yvonne Davis, que condensa e sintetiza o seu pensamento sobre militância, cultura, sociedade e economia, expondo as bases do sistema político e da configuração das relações sociais com base em gênero, raça e classe social.

Angela Davis alcançou notoriedade mundial como integrante do grupo “Panteras Negras”, organização política marxista e revolucionária ligada ao nacionalismo negro nos Estados Unidos, e por sua intensa militância pelos direitos das mulheres e pelo combate à discriminação racial e social. Chegou, inclusive, a integrar a lista dos “Dez Fugitivos Mais Procurados do FBI”, ao ser acusada de conspiração, sequestro e homicídio: após meses de perseguição policial que culminaram em sua prisão, seu julgamento foi centro das atenções da imprensa americana, trazendo à tona o debate sobre a condição da população negra na sociedade.

O Livro é dividido em três grandes capítulos, sendo o primeiro intitulado “Sobre as Mulheres e a Busca por Igualdade e Paz”, no qual há sete discursos de Angela Davis que enfatizam a condição social da mulher negra. Um tema recorrente no referido capítulo é a valorização do movimento associativo de mulheres negras e de outras minorias étnico-raciais em detrimento das organizações tradicionais feministas que, conforme Davis, “possuem estratégias de luta que se baseiam conceitualmente na condição específica de mulheres brancas das classes privilegiadas, em desacordo com a percepção de empoderamento das mulheres das classes trabalhadoras”, chegando a afirmar, de modo extremamente enfático, que aquelas poderiam alcançar seus objetivos sem assegurar nenhum tipo de progresso ao restante das mulheres das minorias étnicas ou das classes mais pobres.

É interessante notar que essa crítica é extremamente válida no contexto brasileiro atual, em especial ao considerar que, infelizmente, a maioria das mulheres envolvidas no movimento feminista, e dos participantes de movimentos sociais, de um modo geral, seguem um

---

<sup>1</sup> Graduando em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>2</sup> Graduando em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF).

determinado padrão socioeconômico (jovens, universitários, brancos, de classe média-alta) e que, pelo próprio desconhecimento ou desconexão com as dificuldades das classes trabalhadoras ou das minorias étnicas, acabam por defender pautas de interesse restrito, com certo descolamento das camadas populares. Há, sem sobra de dúvidas, um processo de aumento de participação das minorias nesses movimentos, num cenário de valorização e empoderamento de grupos que historicamente foram reprimidos (como negros, indígenas ou LGBTs), mas que ainda se mostra tímido.

A origem desse descolamento entre as lutas realizadas pelos movimentos tradicionais e os problemas reais da maioria da população reside nas diferenças econômicas: Angela Davis entende que uma pauta séria de empoderamento da mulher, do negro e de outras minorias deve, obrigatoriamente, abranger melhorias econômicas para esses segmentos da população. Em todos os discursos da primeira parte do livro, Davis apresenta infindáveis dados estatísticos que demonstram as dificuldades econômicas enfrentadas pelas minorias: a menor disponibilidade de empregos e a maior taxa de desemprego, salários menores, piores condições de segurança no ambiente de trabalho, existência de discriminação no mercado de trabalho contra deficientes físicos ou doentes, a inexistência de creches subvencionadas, a mendigagem. Essa assimetria econômica causada por fatores raciais e sexuais seria um dos principais fatores, ou até o fator principal, das dificuldades enfrentadas por essas minorias, sendo afirmado que “o pré-requisito mais importante para o empoderamento é a possibilidade de obter um sustento adequado”.

Novamente, Angela Davis mostra-se extremamente atual com seus discursos no Brasil contemporâneo, independente da distância geográfica e temporal: os mesmos problemas identificados nos Estados Unidos da década de 80 existem, de maneira análoga, no Brasil de 2017. É inegável que há racismo e preconceito no mercado de trabalho, e que a problemática econômica estende-se, posteriormente, às questões sociais. De acordo com dados de 2014 do IBGE, os negros representam apenas 17,4% do total da parcela dos 10% mais ricos do país, enquanto 79% são brancas; por outro lado, o grupo 10% mais pobre, com renda média de R\$ 130,00 por pessoa na família, é composto por 76% de negros, ou seja, que três em cada quatro das pessoas mais pobres do país são negras (LISBOA, 2015). Números muito semelhantes são encontrados analisando-se programas sociais: no famoso Bolsa Família, 73% dos beneficiados são negros ou pardos; no Brasil Carinhoso, 77%; nos cursos profissionalizantes do PRONATEC, 65%. (MARTINS, 2014).

A precariedade econômica acaba por transbordar para questões sociais, impactando todo o núcleo social e comunitário das minorias: criminalidade e violência, desenvolvimento educacional, falta de planejamento familiar. A população negra, por exemplo, é a mais

impactada pela violência, como perpetradores e como vítimas: 61,6% da população carcerária brasileira, que é a 4ª maior do mundo, é composta por negros (CARTA CAPITAL, 2016), assim como a taxa de homicídio entre negros é 2,5 vezes maior que entre o restante da população (LISBOA, 2017). Continuando na temática da violência, é possível observar que entre 2005 e 2015, conforme dados do Atlas da Violência, as taxas de homicídio entre mulheres cresceu de maneira mais acentuada que entre homens (FRANCO, 2017). No desenvolvimento educacional, dados da PNAD demonstram que a população negra possui uma média de anos de estudo expressivamente menor que a população não-negra: 8,1 entre as mulheres brancas e 6,5 entre as mulheres negras, e 7,9 entre os homens brancos e 6,1 entre os negros (SENKEVICS, 2012).

Nos discursos, Angela Davis realiza um esforço para apresentar fatos que desmascarem as críticas comumente utilizadas para enfraquecer os programas sociais de redução da pobreza e de redistribuição de renda. O filósofo reaganista George Gilder, arduamente criticado durante vários dos textos de Davis, chegou a afirmar que “os benefícios sociais para mulheres negras destrói o homem negro, pois o dinheiro não é mais conquistado com o trabalho árduo do homem, e sim dado às mulheres pelo Estado”, que “os negros não casam nem trabalham porque podem viver dos benefícios recebidos pelas mulheres negras” e, ainda, que “o sistema de bem-estar social incentiva as jovens negras a engravidar antes que tenham condições de sustentar uma família, pois o governo americano está disposto a oferecer renda para qualquer adolescente que venha a dar à luz uma criança ilegítima”. Além da imensa carga racista e machista nas palavras de George Gilder, é evidente que esse mito de que os pobres assistidos por programas sociais desperdiçam o dinheiro em luxos persiste até os dias de hoje.

Angela Davis afirma que “se os benefícios sociais fossem tão abundantes quanto dizem, por que adquirir bens de primeira necessidade para si e para sua família seria uma tarefa tão árdua para as mães assistidas por programas sociais? Os benefícios médios não proporcionam nem o suficiente para manter uma família acima da linha da pobreza”.

Essas mentiras, que desacreditam publicamente as pessoas assistidas pelos programas sociais, também estão presentes na realidade brasileira: quem nunca ouviu críticas aos programas sociais que afirmam que os beneficiados estão “torrando o dinheiro público”? Mas uma análise da realidade mostra uma situação semelhante à reportada por Davis 30 anos atrás: os benefícios não são suficiente nem para manter uma família fora da miséria. Em 2016, o benefício médio do Bolsa Família foi de 176 reais (GOVERNO DO BRASIL, 2016), sendo que cada família abaixo da linha da pobreza tinha o direito de receber 77 reais, podendo receber 35

reais adicionais por cada criança ou gestante na família, ou 42 reais para cada adolescente até 18 anos. (CALENDÁRIO BOLSA FAMÍLIA, 2017). Afirmar que uma família que vive abaixo da linha da miséria, que ganha menos de 170 reais por pessoa, passará a adquirir luxos pelo fato de receber 176 reais de benefícios do Governo é de um absurdo sem tamanho, assim como o é dizer que as mulheres pobres terão mais filhos visando receber mais benefícios, que são míseros 35 reais: um pacote de 60 fraldas Pampers custa, hoje, em torno de 40 reais.

Situação semelhante é encontrada em todos os outros benefícios sociais disponibilizados pelos governos brasileiros na atualidade: valores baixos e que possuem o intuito simples de que seus beneficiados saiam da pobreza extrema, e não adquirir produtos de luxo. O Bolsa Atleta fornece um auxílio de 370R\$ mensais, permitindo condições mínimas de vida para o atleta poder se dedicar ao esporte (CAIXA, 2017). O Programa Farmácia Popular fornece medicamentos de saúde básica à preços mais acessíveis, para que a população mais pobre não sofra de doenças facilmente tratáveis como Diabetes ou Hipertensão. O PROUNI fornece bolsas integrais para que famílias que tenham uma renda bruta de 1,5 salários mínimos possam enviar seus filhos para a Faculdade. (MEC, 2017). A própria Aposentadoria, do INSS, possui valores muito baixos para a grande maioria da população: 68% dos aposentados ganham até 1 salário mínimo e outros 15% até 2 salários mínimos, ou seja, 83% recebem até 1874 reais mensais (ESTADÃO CONTEÚDO, 2017).

Angela Davis apresenta uma visão sobre o círculo vicioso e opressor entre racismo, sexismo, pobreza, violência, educação e saúde, onde um problema é a origem e o resultado dos demais. Por exemplo: o crescente uso de drogas, um problema de saúde pública, atinge mais a população negra e pobre, que recorrem aos entorpecentes como forma de aliviar os baques da pobreza. A dependência química, por sua vez, é uma das principais causas da violência urbana, tanto pelo lado do usuário que pratica crimes para financiar sua dependência quanto pelo lado do traficante de drogas e dos cartéis, que praticam inúmeros outros crimes acessórios para manter a distribuição de drogas, incluindo subornos, homicídios e tráfico de armas; a dependência química também é uma causa de evasão escolar, e o usuário passa a ter chances muito maiores de contrair doenças como AIDS. Como pode-se ver através desse exemplo, o nefasto ciclo tende a perpetuar salvo intervenção externa, como programas governamentais assistencialistas.

O segundo capítulo “Sobre Questões Internacionais” apresenta cinco textos de Angela Davis que discorrem sobre a luta das minorias fora da realidade norte-americana. Ressalta-se o fato, inclusive enfatizado por notas de tradução e edição, que muitos dos fatos narrados nesse

capítulo não existem mais nos dias atuais, mas eram realidade na época dos textos e que, portanto, a leitura deve ser feita inserida no contexto histórico da obra.

Os primeiros três textos tratam do Apartheid, o regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 na África do Sul, no qual os direitos da maioria negra foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca. Dos 25 milhões de habitantes sul-africanos, menos de 5 milhões de brancos possuíam plenos direitos, e o restante da população de negros e asiáticos foi privada da cidadania e da propriedade, sendo removidos forçadamente para regiões específicas, quase sempre áreas remotas e improdutivas, e tendo sua propriedade confiscada. O apartheid perverteu toda a cultura e a realidade sul-africana: Os bancos de parques eram reservados para brancos, sexo interracial era proibido, policiais negros não tinham permissão para prender pessoas brancas, cinemas e hotéis não tinham permissão para aceitar negros (salvo como funcionários), o transporte público e as praias eram segregadas.

Uma das principais formas de ativismo contra o horrendo governo racista da África do Sul foram as “campanhas de desinvestimento”, nas quais a população de outros países forçavam politicamente que seus governos e empresas deixassem de apoiar ou de operar na África do Sul, numa proposta de isolar o país economicamente e politicamente. O movimento de desinvestimento foi extremamente bem-sucedido e enfraqueceu o governo do apartheid sul-africano até o seu final, servindo de inspiração para o Movimento BDS - Boicote, Desinvestimento e Sanções, uma plataforma internacional na qual ativistas, grupos sociais e organizações promovem boicotes de cunho econômico, acadêmico, cultural e político que tem o objetivo de chamar a atenção para os crimes cometidos pelo Estado de Israel e forçá-lo, através do enfraquecimento do governo israelita, a respeitar o direito do povo Palestino (SERTÓRIO, 2017).

O maior exemplo de campanhas bem-sucedidas do Movimento BDS foi contra a companhia multinacional Veolia pelo seu envolvimento na construção da rede elétrica das “colônias palestinas”: ao fim de sete anos de pressão e de dezenas de contratos perdidos ao redor do mundo, a Veolia decidiu se desfazer de todos seus negócios em território israelense em 2015. Outra multinacional francesa, a Orange, retirou-se de Israel e compeu sua colaboração com a empresa israelita Partner Communications (PALESTINIAN BDS NATIONAL COMMITTEE, 2015).

Angela Davis tem um olhar global sobre a causa feminina e mantém contato com defensoras dos direitos femininos de outros países. Em viagem ao Egito, se deparou com a realidade de mulheres que viviam de acordo com as convenções islâmicas. Relata que, até pouco tempo atrás, era muito comum no Egito a prática de castração feminina, em que o clitóris

da mulher é amputado na infância, com autorização da família. Entretanto, Davis se surpreendeu ao tomar conhecimento de que havia muitos outros problemas enfrentados pelas egípcias além da clitoridectomia. Suas dificuldades estavam em grande parte relacionadas à dependência econômica do homem e à exclusão do processo político, já que a mulher não podia trabalhar ou exercer seus direitos políticos plenamente no Egito.

Clara Zetkins, feminista alemã estudada por Davis, cuja militância se deu no final do século XIX e princípio do século XX, apontou que as mulheres só poderiam conquistar a sua libertação por meio da participação na produção econômica e da conquista de sua independência financeira. Ainda que por motivos diferentes, não relacionados à religião, a luta de Zetkins tem semelhanças com a das feministas egípcias, já que a dependência financeira dos homens limita a liberdade das mulheres, estimula o patriarcalismo e reduz sua participação na sociedade.

No terceiro capítulo da obra são abordados os temas da educação e cultura, tão importantes para Angela Davis, que teve uma importante carreira como acadêmica e educadora, tendo lecionado filosofia na University of California. Davis destaca que sua geração é lembrada pelo ativismo combativo dos anos 60 e início dos anos 70, tendo enfrentado o segregacionismo nos estados do sul dos Estados Unidos, quando as pessoas negras arriscavam suas vidas para exercer o direito ao voto e não havia programas de estudos dedicados à população negra nas escolas e universidades.

Em palestra proferida a recém-formados, prestes a ingressar no mercado de trabalho, Davis ressalta o problema da desigualdade econômica. Ela destaca que uma pequena parte da população concentra a maior parte da riqueza enquanto a vasta maioria tem proporcionalmente pouco, sendo que muitos não têm o mínimo para sobreviver.

O problema da desigualdade econômica cria condições para que haja abusos contra a população mais desfavorecida, especialmente os jovens negros em busca de emprego. Davis ressalta a dificuldade de acesso ao emprego pelos jovens negros, que muitas vezes precisa se submeter a subempregos e baixos salários. Sobre esse ponto, é possível fazer um paralelo com o Brasil, onde a juventude negra possui más condições de acesso à educação de qualidade. Katia Maia, diretora-executiva da Oxfam Brasil afirma que a sociedade brasileira possui cidadãos de primeira e de segunda categoria e que 80% das pessoas negras ganham até dois salários mínimos (CHAGAS, 2017). Além disso, o Brasil é um dos países com maior nível de desigualdade econômica: segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, o país é o décimo colocado no ranking mundial de desigualdade social (CORRÊA, 2017).

Ao longo do século XX, os Estados Unidos vivenciaram um grande movimento em prol dos direitos civis, dentre eles, o direito da população negra acessar o ensino superior. Nos estados americanos do sul havia várias formas de segregacionismo, dentre eles, a pior qualidade de ensino para a população negra e a inacessibilidade às Universidades.

O problema da baixa renda está diretamente ligado à falta de acesso à educação de qualidade. No Brasil, é patente que grande parte das escolas públicas oferecem piores condições de aprendizagem às crianças em relação às escolas privadas. O acesso ao ensino superior foi facilitado com a implantação do sistema de cotas para alunos negros e de escolas públicas, mas o Brasil ainda precisa avançar nesse ponto. De acordo com o IBGE, em 2009, 4,7% dos negros e 5,3% dos pardos com mais de 25 anos tinham diploma de ensino superior, contra 15% dos brancos. Outro dado alarmante é de que a proporção de analfabetos nas populações negras e pardas é de, respectivamente, 13,3% e 13,4%, enquanto a proporção de brancos analfabetos é de 5,9% (COSTA, 2010).

Davis também aborda as disparidades no mercado de trabalho entre os salários de negros e brancos. Aponta que nos EUA dos anos 80 havia uma grande diferença entre a média salarial de homens brancos em relação a mulheres brancas e homens e mulheres negros. No Brasil é semelhante: pesquisa realizada pelo IBGE em 2016 aponta que a média salarial dos brasileiros brancos é cerca de 80% superior à de negros e pardos (AGÊNCIA ESTADO, 2017).

Para a autora, os problemas econômicos enfrentados pela população negra são uma grande marca da discriminação. As dificuldades que a pessoa negra sofre ao longo de toda a vida para se educar e se profissionalizar acabam resultando em maiores índices de desemprego e salários mais baixos. Além disso, soma-se o fato de ainda haver preconceito por parte de algumas empresas, que acabam dando preferência à contratação de profissionais brancos.

O Brasil vive um momento de crise econômica e alto desemprego, que traz prejuízos a toda a população. Entretanto, ainda se percebe que os negros acabam sendo desfavorecidos mesmo num cenário de crise generalizada. Pesquisa do IBGE de 2016 revela uma taxa de desemprego de 14,4% entre as pessoas negras e de 14,1% entre a população parda. Por outro lado, o desemprego da população branca ficou em 9,5% (AGÊNCIA ESTADO, 2017).

No que toca à questão do emprego, Davis também ressaltou o ataque de Reagan ao movimento trabalhista, apontando a existência de uma ofensiva generalizada de sua administração contra a classe trabalhadora, fazendo com que as condições econômicas da população negra piorassem rapidamente.

Sobre o assunto dos direitos trabalhistas, podemos traçar um paralelo com o Brasil, onde foi aprovada recentemente uma reforma amplamente criticada por reduzir os direitos dos

trabalhadores e aumentar o poder das empresas na relação empregatícia. Medidas como a flexibilização da jornada de trabalho e dos salários e a terceirização de atividades fins levam a uma precarização nas relações de trabalho. Em nota técnica, o Ministério Público do Trabalho aponta várias inconstitucionalidades no projeto da reforma trabalhista, como: desvirtuamento do regime de emprego; terceirização ampla e irrestrita; flexibilização da jornada de trabalho com limites superiores aos atuais; violação de direito fundamental ao salário mínimo, à remuneração pelo trabalho e a salário equitativo; prevalência do negociado sobre o legislado para reduzir proteção social do trabalhador; fragilização do direito à representação de trabalhadores por local de trabalho; restrições do acesso à justiça do trabalho; afronta à autonomia funcional do poder judiciário trabalhista, entre outras violações (MPT NOTÍCIAS, 2017).

Além de se posicionar em relação à dificuldade das pessoas negras e outras minorias raciais de terem uma educação de qualidade e de serem tratados com igualdade no mercado de trabalho, Davis também critica a falta de acesso à arte e à cultura pelas massas da população. Ela entende que os espaços reservados à arte e à cultura são reservados a uma minoria de pessoas, apesar de a arte norte-americana ter uma tradição rica e vibrante inspirada nas lutas na história da militância trabalhadora, das lutas dos afro-descendentes, de mulheres e pacifistas.

Davis aponta que, como observaram Marx e Engels, a arte é uma forma de gerar consciência social e de estimular as pessoas a transformar as condições opressivas que as cercam, sendo que há fortes vínculos entre a arte e a luta pela libertação negra. Assinala que, durante a escravidão, as pessoas negras foram alvo de genocídio cultural, foram proibidas de manifestar seus costumes africanos, com exceção da música. Dessa maneira, o povo negro criou com a música uma forma de resistência, que encorajou e nutriu a luta pela liberdade.

O Brasil, infelizmente, também tem um passado de escravidão. As pessoas negras foram arrancadas de sua terra natal e coagidas a trabalhar nas lavouras brasileiras sem que houvesse nenhum respeito pela sua humanidade. As suas manifestações culturais não eram bem vistas, principalmente sua religião. Entretanto, o espírito de resistência dos negros escravizados levou ao sincretismo cultural entre o cristianismo imposto pela Igreja Católica e as tradições e rituais religiosos africanos. As religiões sincréticas foram uma maneira que os escravos brasileiros encontraram, não só de preservar sua fé e crenças originais, como de não se curvar à dominação. Silva demonstra como o candomblé representou uma forma de resistência à colonização (SILVA, 2014):

“O candomblé representava um ponto de resistência contra o processo de colonização totalitário (de totalidade), não permitindo que outras formas de organização se estruturassem e dinamizassem, quebrando esse sistema de dominação escravista de totalidade. Nele, havia preferência por combater as heresias, as religiões gentílicas ou animistas. E toda uma sistemática de perseguição a essas entidades religiosas passa a funcionar, embutida no racismo colonial contra o negro escravizado. Devemos considerar a organização da Igreja Católica como um dos braços mais importantes desse processo de dominação do sistema colonial. Ela tinha como tarefa não apenas convencer a sociedade dos valores do cristianismo, mas dos padrões políticos de sujeição desses povos à dominação colonial. Daí “as religiões dos oprimidos serem consideradas heresias, ameaças, perigos e vistas como religiões de feitiçaria”. E, por isso, destruídas, neutralizadas. A perseguição aos candomblés (pela Igreja Católica) não era apenas uma perseguição religiosa mas também política contra a resistência dos dominados e as estratégias de dominação dos colonizadores.”

Davis sustenta que a música religiosa da comunidade escrava fazia parte de uma consciência política, servia para moldar a consciência das massas do povo negro e para afirmar o seu desejo de liberdade. Os temas religiosos eram utilizados para representar as adversidades das condições a que os escravos eram submetidos e também demonstravam o desejo de se verem livres da opressão. As canções religiosas também influenciaram a música associada a movimentos populares ao longo da história norte-americana, como canções entoadas pelos movimentos trabalhador, pacifista e dos direitos civis.

De igual modo, a autora destaca o papel de outras formas de arte na formação da identidade cultural dos afro-americanos e na sua luta por direitos. Entende que artistas fotográficos negros têm um papel importante de redefinir as imagens ideologicamente contaminadas de seu povo e de por fim a sua invisibilidade socialmente imposta. Também destaca a importância de outras formas de arte na afirmação cultural da população negra, como a literatura e a pintura. Para Davis, artistas visuais e da literatura negra foram capazes de criar uma estética explicitamente afro-americana, capazes de refletir as condições em que a comunidade negra se desenvolveu, além de permitir expressar suas tradições culturais.

Também cabe ressaltar que, além de ser uma grande defensora da educação, da cultura e dos direitos civis, Davis também é uma pacifista, tendo protestado contra a guerra do Vietnã e a política armamentista norte-americana durante a Guerra-Fria. Em palestra proferida durante o governo Reagan, ao fazer uma retrospectiva sobre sua história de lutas pelos direitos humanos e sociais, Davis destacou a ameaça do poder nuclear dos Estados Unidos, capaz de destruir todo o mundo.

O tema da ameaça nuclear está cada vez mais em voga diante das recentes ameaças de aniquilação mútua feitas pelo ditador norte-coreano Kim Jong-un e pelo presidente americano

Donald Trump. A Coreia do Norte vem ampliando rapidamente o seu poderio nuclear e sua capacidade de disparar mísseis de longo alcance. Entre agosto e setembro de 2017, disparou dois mísseis que sobrevoaram o Japão, o que aumentou as especulações sobre a possibilidade de um conflito militar. De acordo com o Instituto Internacional para Estudos Estratégicos, os mísseis norte-coreanos têm capacidade de atingir todo o território da Coreia do Sul e parte do Japão (BBC BRASIL, 2017). Aparentemente, o mundo vive novamente sob a ameaça nuclear, mesmo depois de terminada a Guerra Fria.

Angela Davis demonstra uma grande sensibilidade sobre diversos temas inerentes à sua condição de afro-descendente, assim como temas comuns a toda a sociedade. Demonstra sua indignação com a desigualdade social, o preconceito de uma forma geral, a falta de isonomia na legislação, os desmandos de políticos e o armamentismo nuclear.

Davis teve uma trajetória de muita luta. Após séculos de opressão contra os negros, sua geração decidiu enfrentar o abuso de direitos e o segregacionismo racial. Muitos jovens dos anos 60, assim como ela, se rebelaram contra o insuportável peso de se sentir discriminado a todo momento, desde ter que utilizar um banheiro ou um bebedouro reservado para negros até sofrer agressões físicas sem motivo. Preferiram assumir grandes riscos a continuar sendo tratados sem dignidade. Muitos dos que se levantaram contra essa situação foram presos e alguns, infelizmente, perderam a própria vida.

Davis incorpora o espírito combativo de sua geração, que conquistou diversos direitos civis para os afro-americanos, como o de frequentar uma universidade e ser tratado de forma igualitária e abriu espaço para a eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Mais do que isso, mostrou para as minorias de todo o mundo que é possível enfrentar o preconceito e transformar a sua realidade e a das futuras gerações em uma realidade mais justa, igualitária e democrática.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

**AGÊNCIA ESTADO. Negros e pardos ganham menos que os trabalhadores brancos.**

Correio Braziliense, 2017. Disponível em:

<[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/02/23/internas\\_economia,576257/negros-e-pardos-ganham-menos-que-os-trabalhadores-brancos.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/02/23/internas_economia,576257/negros-e-pardos-ganham-menos-que-os-trabalhadores-brancos.shtml)>. Acesso em: 04 out. 2017.

BBC BRASIL. **O que se sabe sobre o programa nuclear da Coreia do Norte.** BBC BRASIL, 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41278289>>. Acesso em: 13 out. 2017.

CAIXA. **O que é o Bolsa Atleta.** CAIXA, 2017. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-atleta/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 11 out. 2017.

CALENDÁRIO BOLSA FAMILIA. **Aumento do Bolsa Família 2017 – Reajuste.** **Calendário Bolsa Família**, 2017. Disponível em: <<http://calendariobolsafamilia2015.com.br/aumento-do-bolsa-familia-reajuste/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

CARTA CAPITAL. **Mais de 60% dos presos no Brasil são negros.** Carta Capital, 2016. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mais-de-60-dos-presos-no-brasil-sao-negros>>. Acesso em: 05 out. 2017.

CHAGAS, P. V. **Seis bilionários do país têm a mesma riqueza que os 100 milhões mais pobres.** Agência Brasil, 2017. Disponível em: <Seis bilionários do país têm a mesma riqueza que os 100 milhões mais pobres>. Acesso em: 07 out. 2017.

CORRÊA, M. **Brasil é o 10º país mais desigual do mundo.** O Globo, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/brasil-o-10-pais-mais-desigual-do-mundo-21094828>>. Acesso em: 08 out. 2017.

COSTA, C. **Educação ainda é desigual para negros e brancos.** BBC Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/blogs/portuguese/br/2010/09/educacao-ainda-e-desigual-para.html>>. Acesso em: 06 out. 2017.

ESTADÃO CONTEÚDO. **Valor médio das aposentadorias foi de R\$ 1.283,93** em 2016. EXAME, 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/valor-medio-da-aposentadorias-foi-de-r-1-28393-em-2016/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

FRANCO, L. **Negro e jovem sem estudo são maiores vítimas de violência, mostra pesquisa.** Folha de São Paulo, 2017. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1890315-negro-e-jovem-sem-estudo-sao-maiores-vitimas-de-violencia-mostra-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 06 out. 2017.

GOVERNO DO BRASIL. **Reajuste faz valor médio do Bolsa Família chegar a R\$ 176 em junho.** Governo do Brasil, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/05/reajuste-faz-valor-medio-do-bolsa-familia-chegar-a-r-176-em-junho>>. Acesso em: 13 out. 2017.

LISBOA, V. **Mesmo com maior participação, negros ainda são 17,4% no grupo dos mais ricos.** Agência Brasil, 2015. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/negros-aumentam-participacao-entre-os-1-mais-ricos-no-brasil>>. Acesso em: 05 out. 2017.

LISBOA, V. **Taxa de homicídios de negros foi quase 2,5 vezes maior que de não negros em 2015.** Agência Brasil, 2017. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-06/taxa-de-homicidios-de-negros-foi-quase-25-vezes-maior-que-de-nao-negros-em>>. Acesso em: 04 out. 2017.

MARTINS, M. **O racismo em números.** Carta Capital, 2014. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/revista/767/o-racismo-em-numeros-6063.html>>. Acesso em: 04 out. 2017.

MEC. **2º processo seletivo de 2017.** PROUNI, 2017. Disponível em:

<[http://siteprouni.mec.gov.br/o\\_prouni.php](http://siteprouni.mec.gov.br/o_prouni.php)>. Acesso em: 12 out. 2017.

MPT NOTÍCIAS. **MPT Notícias**, 2017. Disponível em:

<[http://portal.mpt.mp.br/wps/portal/portal\\_mpt/mpt/sala-imprensa/mpt-noticias/](http://portal.mpt.mp.br/wps/portal/portal_mpt/mpt/sala-imprensa/mpt-noticias/)>. Acesso em: 08 out. 2017.

PALESTINIAN BDS NATIONAL COMMITTEE. **BDS Marks Another Victory As Veolia Sells Off All Israeli Operations.** BDS Movement, 2015. Disponível em:

<<https://bdsmovement.net/news/bds-marks-another-victory-veolia-sells-all-israeli-operations>>. Acesso em: 13 out. 2017.

**SENKEVICS, A. Desigualdades de gênero e cor/raça na Educação Básica no Brasil.**

**Ensaio de Gênero**, 2012. Disponível em:

<<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/09/30/desigualdades-de-genero-e-corraca-na-educacao-basica-no-brasil/>>. Acesso em: 13 out. 2017.

**SERTÓRIO, E. Boicote, Desinvestimento e Sanções: Uma arma ao nosso alcance contra a ocupação israelita.** Esquerda.Net, 2017. Disponível em:

<<http://www.esquerda.net/dossier/boicote-desinvestimento-e-sancoes-uma-arma-ao-nosso-alcance-contr-ocupacao-israelita/47230>>. Acesso em: 13 out. 2017.

**SILVA, E. M. D. O candomblé como forma de resistência escrava à colonização.**

Educação Pública, 2014. Disponível em:

<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0120.html>>. Acesso em: 13 out. 2017.